



A agonia dos sem-ouro

Exaustos e famintos, os garimpeiros travam sua última batalha com a Vale pelo ouro de Serra Pelada

SILVIO FERRAZ, de Serra Pelada

A espessa poeira vermelha que encobre toda a paisagem vai aos poucos se dissipando e revelando contornos à frente. Uma grossa corrente de ferro impede a entrada do carro no acampamento. Logo se aproximam homens carrancudos, maltratados, com peixeiras e picaretas nas mãos. Exigem identificação e explicações. Brito, um garimpeiro vesgo e prepotente, avisa: "Não queremos saber de discussão aqui

dentro. O direito de cavucar é nosso. Aqui ainda tem muito ouro pra nós, *tão* entendendo?" O acampamento, onde vivem 6 800 pessoas, das quais apenas 300 garimpeiros, é um abandono só. Mulheres, crianças e homens perambulam de um lado para outro. Esse ajuntamento maltrapilho é tudo o que restou da febre do ouro em Serra Pelada.

Na década de 80, mais de 100 000 aventureiros foram para Serra Pelada, na esperança de enriquecer do dia para a noite. Havia ouro à vontade, quase na superfície da terra. Em 1985, Serra Pelada era o maior garimpo manual do mundo. Das entranhas da cratera aberta pelos garimpeiros saíram cerca de 40 toneladas de ouro, no valor de 1 bilhão de dólares. As fotos de Serra Pelada, de dimensões bíblicas, correram o mundo. O garimpo tornou-se o motor da economia da região sul do Pará. Os "bamburrados" — palavra que, no jargão dos garimpeiros, identifica

aqueles que acham ouro e enriquecem — esgotavam o estoque de carros novos das revendedoras, importavam aviões, construíam prédios e casas. O número de pousos e decolagens de táxis aéreos na pista de Serra Pelada era superior ao movimento do Aeroporto Internacional do Galeão, no Rio de Janeiro.

A ESPERANÇA SECOU — Com o tempo, percebeu-se que a febre do ouro era uma ilusão. Só uns pouquíssimos garimpeiros bamburraram. Outros, poucos, conseguiram amealhar alguma riqueza. E a maioria, a imensa maioria dos garimpeiros, continuou na mesma miséria em que vivia. O ouro acabou. Hoje, nos escritórios da Vale do Rio Doce, sabe-se que a realidade é outra: ainda existe ouro nas profundezas da terra em Serra Pelada, mas seria impossível extraí-lo com as técnicas rudimentares usadas no garimpo. Pelos estudos da estatal, há 150 toneladas



NANI GOIS



FOTOS PAULO JARES

O formigueiro humano nos anos 80 (acima) e o atual garimpo de refugos: miséria e desespero no antigo eldorado



instalações da estatal. Há um mês, cercaram as sondas da Vale. Dizem que só liberam o equipamento depois de obter um acordo com a empresa.

Na semana passada, uma comissão de garimpeiros foi a Brasília tentar uma audiência com o presidente da República. Fernando Henrique achou melhor não meter as mãos nessa lama e passou a tarefa ao secretário-geral da Presidência, Eduardo Jorge Caldas. "O secretário Eduardo Jorge antecipou aos garimpeiros que estamos numa democracia e o Executivo é obrigado a cumprir as determinações judiciais", afirmou o porta-voz do Palácio do Planalto, Sérgio Amaral. Ou seja, os caipiras saí-

Rosilda, banqueira do jogo do bicho: 3 reais por dia

de ouro a 400 metros de profundidade. "O projeto de extração do ouro de Serra Pelada exige tecnologia de ponta e um desafio comparável à construção de uma Itaipu", diz Thales José Mantovanni, engenheiro de minas, 40 anos de idade, dos quais dez na estatal. "Para começar, são precisos 250 milhões de dólares, o mesmo que a Volkswagen gastará em Resende para construir sua fábrica de caminhões."

O problema é convencer os garimpeiros disso. O tempo de prosperidade acabou, e o garimpo, de motor da economia, transformou-se num problema social para a região. Acampados ao redor da antiga cratera — hoje convertida num imenso lago de águas esverdeadas e salobras —, eles se recusam a arrear pé de Serra Pelada. Querem que o governo lhes assegure o direito de explorar a jazida da Vale. Para pressionar as autoridades, vira e mexe eles fecham estradas e ameaçam invadir as

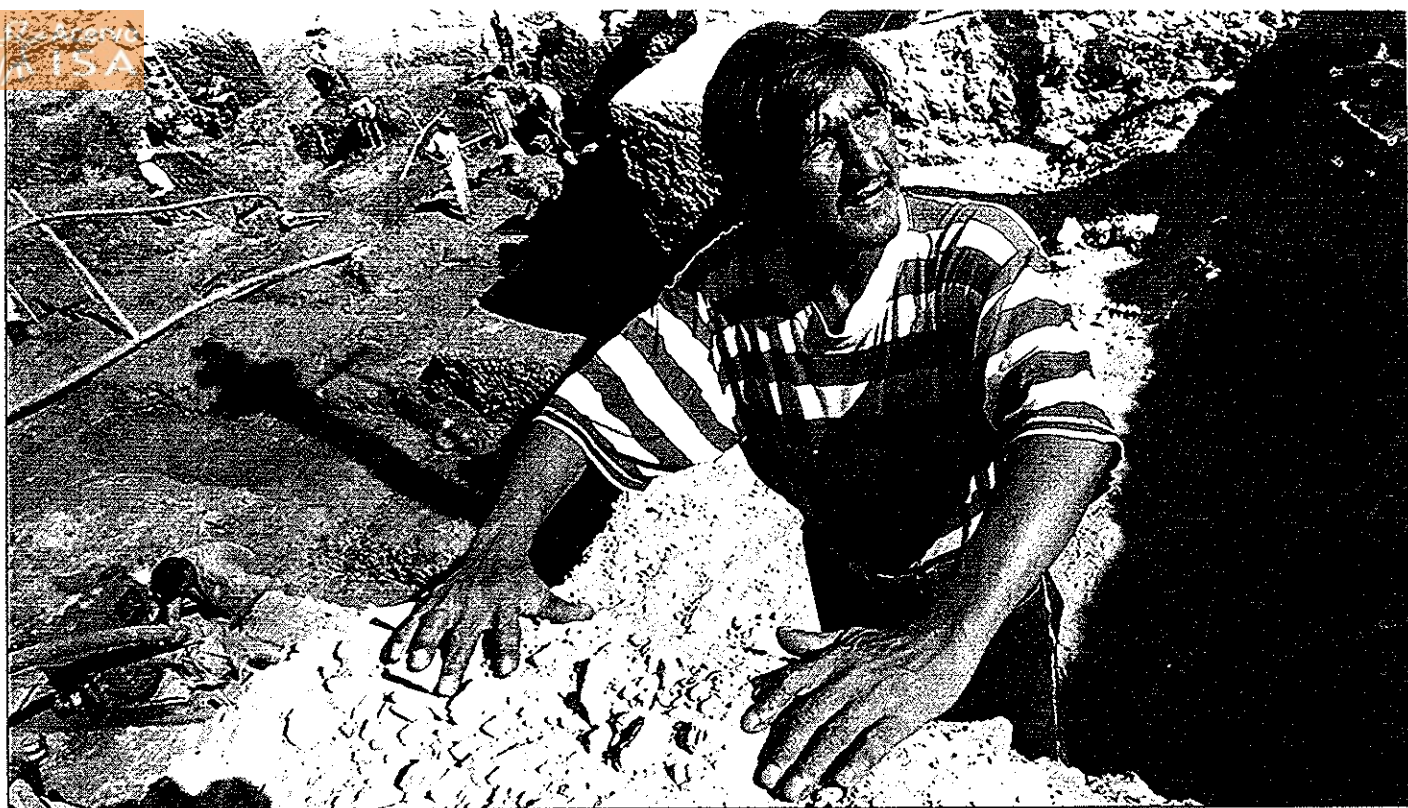
ram de Brasília como entraram: de mãos e barriga vazias.

Carajás, o balão de civilização implantado pela Vale do Rio Doce em plena floresta, a 100 quilômetros de Serra Pelada, já é o QG de um monumental projeto de extração de ferro e será de outro, dentro de três anos, para trazer o ouro misturado com minério das profundezas da terra (veja quadro). Antes disso, será preciso resolver o imbróglio que envolve os garimpeiros. Eles não querem saber da estatal, menos ainda da mal-afamada Polícia Militar do Pará, responsável pela morte de dezenove sem-terra há três meses. Os garimpeiros só confiam no Exército. E, mesmo assim, para delimitar as terras em que julgam ter direito líquido e certo de cavar em busca do ouro até morrer.

METAL DO ANO 2000 — "Essa é uma dívida social do governo federal, e quem tem de resgatá-la é o governo, não a Vale", frisa Luís Carlos Nepomuceno, 37 anos, engenheiro ambiental, comandante do projeto ouro da Vale, vivendo dentro do mato há uma década, com a mulher e dois filhos. Calhamaços de processos, julgados em várias instâncias do Judiciário, dão ganho de causa à Vale. Mas os garimpeiros, na pior das hipóteses, têm usucapião sobre suas casas e seus barrancos — os pedaços de terra, de 3 por 2 metros, onde cavavam em busca de ouro. E o que a Vale oferece em troca da saída deles de Serra Pelada é considerado pouco: uma casa de 41 metros quadrados, programas profissionalizantes para os filhos ou 6 000 reais para quem quiser apenas ir embora. Até agora, 500 famílias, das 1 900 residentes, já assinaram acordo com a Vale.

Outros batalham por um acordo melhor. Uns querem receber 50 000 reais para dar o fora. Gutemberg da Costa Souza, o "Guto", 32 anos, quinze dos quais em Serra Pelada garimpendo, é um deles. Se falar isso alto, leva vaia. "Só saio daqui com 200 000 no bolso", grita Maurício Ribeiro de Almeida, 52 anos, treze de bateia na mão. Fátima Maria Oliveira Duarte, 35 anos, chegou ao acampamento em





1986, acompanhando o marido. Deide. No dia seguinte, quando ele se iniciava nas artes do garimpo, o barranco veio abaixo, soterrando-o. "Estou louca para passar meus direitos por uns cobres e voltar para Goiás com minha filha."

O desespero dos garimpeiros aumenta porque as reuniões com a Vale se sucedem e nada acontece. Acordo, que é bom, passa ao largo. A exaustão os leva à bebida e ao surto psicótico. Ao cair da tarde, nas poucas vendas que restam, começam as teorias. Desde o papel dos políticos até as propriedades de um magnífico metal que se encontra enterrado e por isso mesmo motivo de tanta cobiça pela Vale do Rio Doce. "É o metal do ano 2000", diz José Eliedilson Brito.

catorze anos no garimpo. A seu lado, Genésio Donizeti Nunes, 34 anos, treze de Serra Pelada, paulista de Americana, limpa a garganta, assume ares de professor Pardal e explica: "Ele está falando do európio". "Euro o quê?" "Európio, meu amigo", responde Genésio com aquela complacência de mestre com aluno esforçado. "Európio", prossegue, "é o metal que será usado nos chips dos computadores e que já está sendo testado nos países desenvolvidos. Por isso eles querem comprar a Vale." Por mais que já se tenha dito a Genésio que não existe tal metal na família geológica, ele insiste: "É claro que a Vale não tem nenhum interesse em confirmar que existe".

Passa um louco aos berros. Quer-por-

que-quer seu ouro de volta. "O pessoal que trabalha aqui fica com o *cérebro mole*. As *mentalidades se afrouxam*", diagnostica Raimundo Nonato da Silva, 45 anos, dezesseis de garimpo e que em toda a sua vida só conseguiu ver nas mãos menos de 2 quilos de ouro. No moinho d'água, José Alves de Lima, 72 anos, ganhando 10 reais por jornada de 24 horas, ouve a conversa sem parar de trabalhar. Ora dá palpite, ora opinião taxativa. "Passei a vida correndo atrás de ouro, mas vi muito pouco", confessa. Hoje, batalha por ouro filtrando o refugo do refugo dos buracos de Serra Pelada. Joga a terra no moinho e no fim do dia consegue uns 2 gramas de ouro, cerca de 25 reais. "Já dá para comer, né?"

O buraco é mais embaixo

O desafio é enterrar uma Torre Eiffel

Com picaretas, é impossível tirar ouro de Serra Pelada. O metal só existe em quantidade explorável a profundidades que superam 400 metros. Helicópteros, sensores, radares e uma trama de satélites completam uma intrincada

parafernália que a Vale do Rio Doce pôs a seu serviço para desvendar os segredos da anunciada mina de 150 toneladas de ouro. Os estudos estão trancados a sete chaves e custaram 17 milhões de dólares. O ouro, de excelente teor — 8 gramas por tonelada —, está

lá, não há sombra de dúvida. No entanto, no terreno da mineração não há notícia boa sem outras ruínas. A localização do ouro é a primeira notícia ruim. Será necessária a construção de uma obra faraônica para extraí-lo. Semelhante a enterrar uma Torre Eiffel. A outra má notícia é a qualidade do terreno. Na sua maior parte, arenoso. Ou seja, à medida que as son-

das avançam, a areia fecha o buraco atrás.

A profundidade de 400 metros ainda é virgem para as sondas de terra. A Vale foi obrigada a contratar uma sonda usada na prospecção de petróleo a grandes profundidades. Com ela, abrirá uma chaminé com 5 metros de diâmetro, por onde circulará o ar, e um elevador com capacidade para trazer à superfície milhares de tonela-



FOTOS PAULO JARES

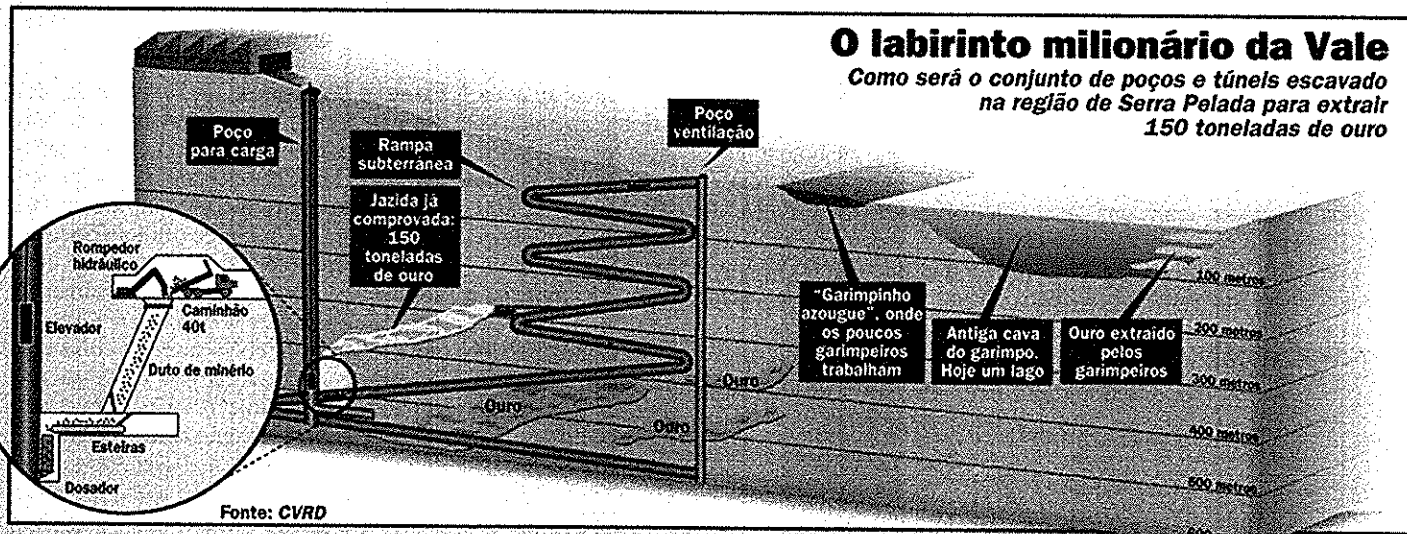
Índio, que fretou um Boeing para ver a namorada (à esq.), e Juvenal, que trabalhou e viajou com Jacques Cousteau: histórias fantásticas

carrão. “Um de cada cor, para não enjoar”, esclarece. Índio é personagem de histórias fantásticas, dessas que soam inverossímeis para quem não conheceu de perto o que foi Serra Pelada no auge da febre do ouro. Uma delas: com muito dinheiro no bolso, Índio foi a Belém atrás da mulher que amava. Foi chegar e receber a má notícia: ela partira para o Rio de Janeiro. O garimpeiro foi para o Aeroporto de Val de Cans, postou-se no balcão da Transbrasil à espera de quem o atendesse. A balconista, vendo-o com aquela cor de garimpeiro na pele, pouca atenção lhe deu. Índio, sempre calmo, sempre humilde, mandou chamar o gerente.

- Eu quero ir para o Rio — disse.
- Acontece que não tem lugar.
- Quanto é que custa alugar um avião? — perguntou, sempre humilde.
- A Transbrasil só trabalha com aviões grandes — respondeu o gerente, querendo livrar-se do pobretão.
- É desses que eu gosto. Eu quero alugar um.
- Vai custar muito dinheiro — alertou o gerente com um sorriso meio debochado no canto da boca.

O ÍNDIO — Dois dias se passam. O cerco dos garimpeiros às sondas continua. Do platô onde se situa a portentosa sonda vê-se o grande lago — a antiga cava que chegou a ter 100 metros de profundidade. Hoje, encontra-se em fraca atividade o chamado garimpinho Azougue — uma extensão da cava bilionária. O garimpinho já deve estar nos 20 metros de profundidade. Ouro mesmo, que é bom, nada. “Até agora, não, mas acho que aí vai dar”, sentenciava Índio, uma figura mitológica em

Serra Pelada. Os que cavavam param. Ouvi-lo dizer isso é o mesmo que tomar um estimulante na veia. Afinal, Índio é José Mariano dos Santos, 42 anos, em Serra Pelada desde 1980. Índio bamburrou espetacularmente. Ele juntou uma quantidade inesquecível de ouro: 1 183 quilos. Se quisesse fazer um cheque, escreveria 14 milhões 196 mil dólares. Filho de mãe índia da tribo dos canelas, Índio comprou treze casas em Belém e onze carros de todos os tipos, de furgão a



O labirinto milionário da Vale
Como será o conjunto de poços e túneis escavado na região de Serra Pelada para extrair 150 toneladas de ouro

das de minério ao qual o ouro se mistura (veja ilustração). A seu lado, começará a construção de túneis subterrâneos para o tráfego de caminhões, capazes de carregar 40 toneladas de

minério, e máquinas perfuratrizes. Para que se tenha uma idéia da grandiosidade desse complexo, a maior carreta que cruza as estradas brasileiras suporta 20 toneladas. Como o terreno é are-

noso, não será fácil cavar um túnel na rocha. O desafio é como construir um enorme túnel submarino. Em águas revoltas. A obra, que deverá consumir três anos para ser concluída, exigirá 3 000 traba-

lhadores. “Quando pronta, será mantido o menor número possível de pessoas sob a terra”, diz Nepomuceno, superintendente da Vale. A extração será toda mecânica.

— Faz mal, não.

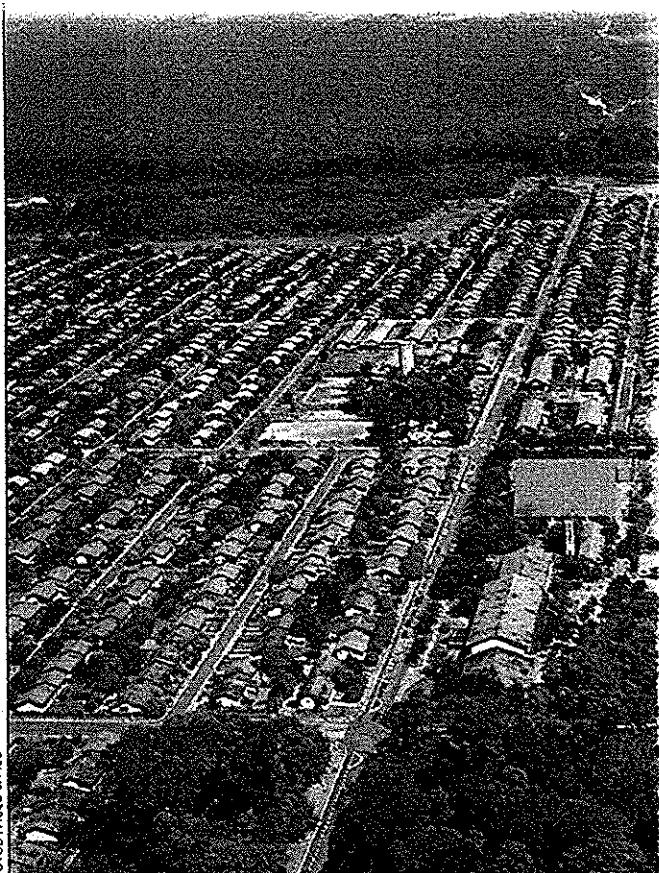
Índio fretou um Boeing 737, para 100 passageiros, e viajou sozinho para o Rio.

Índio perdeu tudo. Casas, carros e até Maria Teresinha Silva, a “Teca”, a mulher com quem viveu onze anos. Não tem dinheiro nem mesmo para colocar a dentadura superior. Come uma papa de farinha com água. Os olhos tristonhos não refletem revolta ou inconformismo. “O que é que eu vou fazer? A gente vive muitas vidas. Qualquer dia eu bato a picareta em outro veio de ouro. E vai ser uma farra.” Índio parece sonhar. Sorri. Por segundos, a realidade de seu sonho o invade. Em Serra Pelada, Índio é sinal de deboche e respeito, inveja e reverência. As lendas correm soltas a seu respeito. Uma conta até que mandou o avião voltar de Brasília para Marabá porque esquecera as cuecas. “Isso é mentira deslavada. Ganhei muito dinheiro. Torrei muito também. Mas maluco nunca fui, não”, exalta-se.

O POLIGLOTA — “Olha aí, moço. Hoje vai dar galo na cabeça”, garante, equilibrando-se numa banquinha, Rosilda Barbosa da Silva, casada, cinco filhos, uma das apontadoras do bicheiro “Paulão”, que controla o jogo em Serra Pelada. “Pode acreditar que aqui é tudo honesto. Às 5 da tarde pego o resultado do bicho do Rio de Janeiro pela Rádio Marajoara. Ganhou, tá ganhado. Eu pago”, apregoa Rosilda. Ela agencia o jogo desde 1990, quando seu marido sumiu. “Quase todo dia tiro uns 3 reais. Já é bom.” Alguns metros adiante, Juvenal Leal da Silva, 48 anos, cara curtiada, aparentando 56. Boné amarelo desbotado do Banco do Brasil, está ansioso por uma conversa com um “estrangeiro”. “Conhece o professor Cousteau? Eu também. Aliás, *le professeur*, para os mais íntimos”, abre, pernóstico, o diálogo. Chegar

a descobrir de onde veio essa intimidade de Juvenal com o cientista francês exige paciência e uma Coca-Cola gelada. Saído de Dom Pedro, no Maranhão, em 1970, Juvenal serviu no Exército em Roraima. Deu baixa e mergulhou no garimpo. De lá para a Venezuela, um pulo. Dois anos mais velho e 40 000 dólares mais rico, foi para o Canadá. Em Toronto, atendeu ao convite da empresa Comink para trabalhar no Gabão em minas de diamante nos rios. “Já nos primeiros nove meses embolsei 13 000 dólares.”

À sua volta se forma uma rodinha. É a enésima vez que ouvem a história de Juvenal, só que dessa vez fica mais interessante porque entrecortada de frases em inglês e francês. Juvenal arranha esses idiomas. “Em 1974, casei com uma indiana, Leilawatte Budhamo”, prossegue. “Nesse mesmo ano, o professor Cousteau passou por lá. Convidou-me para ser seu intérprete e contato com os nativos. Topei. Viajei a África toda, Oceania e Austrália. Ao todo, conheci 123 países com *le professeur*.” Em 1983, Juvenal, em Paris, viu na televisão a descoberta fantástica de Serra Pelada. “Dei um drible na mulher, que até hoje mora lá. Disse que ia à Suíça comprar uns relógios para vender a uns africanos. Peguei foi o avião com 72 000 dólares no bolso. Gastei 50 000 em instalações, bombas e outros 25 000 em alimentação e salário para 34 homens.”



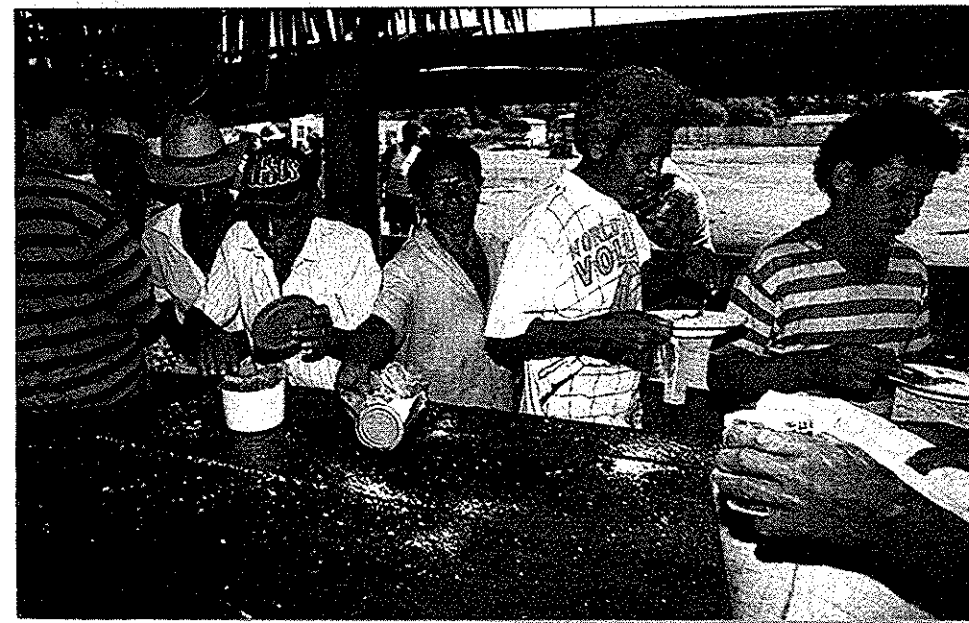
FOTOS PAULO JARES

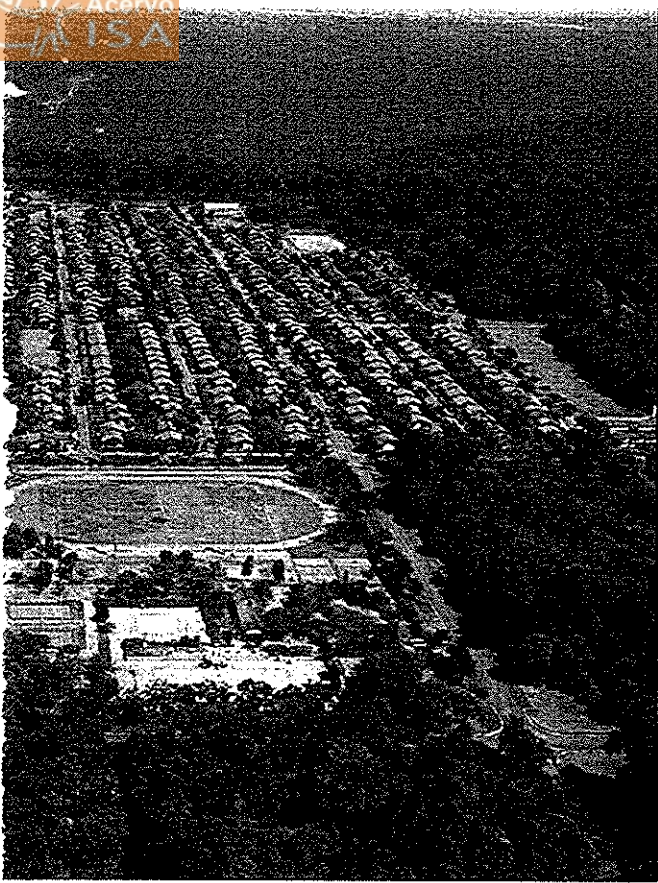
Juvenal ficou com seis barrancos em seu nome e arrendou outros 24. Valeu? “Valeu nada. Peguei 2,5 quilos, na época 33 000 dólares”, responde Juvenal. “Perdi 50 000, mas tudo bem. Tô com saúde e agora sem dívidas”, conforma-se.

FOME E POLÍTICOS — Sexta-feira, dia seguinte, grande agito. Ônibus e mais ônibus, caminhonetes, carros velhos chegam a Serra Pelada, não deixando a poeira baixar. Muitos garimpeiros que algum dia batalharam no garimpo milionário chegam aos magotes para recepcionar uma comitiva de políticos e, principalmente, ver se seus direitos se encontram respeitados. “Viemos também fazer de conta que o garimpo nunca parou”, confessa um mineiro. A construção do palanque está quase completa. Numa cerca recém-pintada de branco brilha a primeira estrela do PT, embora o partido não tenha nenhuma simpatia entre os garimpeiros. Mais do que nos políticos, a atenção de 4 000 pessoas está voltada para o trabalho de Sebastiana Lopes Ribeiro e sua equipe de catorze ajudantes.

Ela é chefe da cozinha boca-livre, instalada no meio da praça sob tosco barra-

Pelanca, osso, muita pimenta e arroz embolotado: recorde olímpico de 4 025 pratos grátis por dia





Carajás, a bolha de civilização no meio da mata: uma cerca impede que onças e macacos invadam a cidade

ção. Eles se revezam à beira de quatro imensas panelas. Três com arroz embolotado e outra com um ensopado de osso com pelanca e um pouco de carne. O arroz veio dos plantadores das vizinhanças. A meia vaca velha, contribuição dos garimpeiros da Baixada do Araguaia. O toque que torna aquela gororoba comestível, com gente disputando repeteco, é dado pelo molho especial de Sebastiana: tomate, pimenta-do-reino, alho, muita gordura, carne gorda de pelanca, sal, cebola e mais pimenta. Cinco horas no fogo, pronto. Aparece o "PF" mais disputado do sul do Pará. Naquele dia, longe das Olimpíadas, André Feitosa da Silva, 27 anos, o apontador, proclama mais um recorde brasileiro: 4 025 refeições. José Ribamar Vieira, encarregado da repartição do arroz, garante, experiente: "Isto aqui é um campo de batalha. Só não pode faltar comida. Se faltar, explode". Os políticos fazem os discursos de sempre, os humildes aplaudem como sempre, e as promessas ficam no ar — como sempre. Parte a carreta e levanta uma poeira vermelha que faz sumir do mapa o vilarejo miserável. Para trás, os sem-ouro em agonia. Parece que Serra Pelada nunca existiu. ■

O paraíso na selva

Com 6 000 habitantes, Carajás é um oásis urbano

Quem nunca suspirou de desejo ao ver nas telas de cinema aquelas cidadezinhas calmas, arborizadas, com casinhas brancas, janelas abertas, bicicletas soltas no gramado, que todo filme americano que se preze faz questão de exibir? Pois bem, Carajás é assim. Bucólica, ruas impecavelmente limpas, tranqüila. A seu lado, a menos de quinze minutos de carro, gigantescos tratores e perfuradoras fustigam dia e noite uma das maiores minas de ferro do mundo, com reservas para os próximos 500 anos. O manganês e o ouro também ornaram essa imensa província mineral. A cidade-

zinha é a capital desse projeto de mineração, inaugurado em 1985, em que foram investidos 2,9 bilhões de dólares. Apesar da mina, o silêncio é absoluto. Seus moradores, funcionários da Vale do Rio Doce e fornecedores de equipamentos, vivem a 650 metros de altitude, num pedacinho de terra de fazer inveja a qualquer ecologista. Ali, os cuidados ambientais vão a extremos. Ninguém joga papel no chão, ninguém toma refrigerante no gargalo. Ao comprá-lo, recebe-se um saquinho plástico com um canudo, a fim de prevenir doenças. "Não foi fácil, mas conseguimos", gaba-se Luís Carlos Nepomuceno, comandante do projeto ouro da Vale.

Situada a 2 100 quilômetros do Rio de Janeiro, 1 100 de Brasília e 550 de Belém, a cidade é equipada com moderno aeroporto. Nesta época do ano, à noite, a temperatura cai para uns 20 graus. Entre novembro e maio é a estação chuvosa. Uma cerca de 4 metros de altura impede que os animais selvagens entrem na cidade. Mas não impede que, ao cair do sol, a berraria dos macacos invada o ambiente.

Na cidadezinha as regras são rígidas. Não é permitido criar nenhum animal doméstico, tampouco galinhas ou passarinhos. São os maiores atrativos para as onças. A cerca foi construída no ano passado, depois que uma onça suçuarana, a mais bravia, atacou um grupo de meninos e com uma só patada matou um deles.

MOTEL NA FLORESTA — Quase todos os moradores se valem de bicicleta para o transporte. Como não há motéis, o jeito é arriscar-se em uns matinhos. Alguns ficaram famosos: a "bica" e a "geladinha". "Aqui, mulher de perna arranhada, pode crer, estava nos matinhos", comenta um motorista. Os mais afoitos desafiam onças e índios. Os xicrins, habitantes da reserva indígena, punem com severidade: pintam os transgressores e os amarram nas árvores. No ano passado, um casal ficou dois dias perdido. "Foi um alívio encontrá-los, mas um vexame inesquecível", recorda um funcionário da estatal. A tinta usada pelos índios os obrigou a deixar de frequentar a piscina durante meses.

O sistema escolar da cidade abriga 1 800 alunos — da pré-escola ao 2º grau. Cursos de aperfeiçoamento profissional também são oferecidos aos funcionários. O hospital Yutaka Takeda faz qualquer tipo de cirurgia, embora os casos mais complicados sejam tratados em Belém. Equivoca-se quem acha que esse oásis urbano vive isolado do mundo. A TV Carajás é uma repetidora da Globo e do SBT, além de produzir um jornal próprio, o *Carajás Presente*. Um cinema com 450 lugares e um imenso clube, com piscina olímpica, quadras de esporte, aulas de malhação, completam o esquema de lazer. Os maiores compradores de minério de ferro vão para a casa de hóspedes. Em cima de um platô, sua vista se derrama sobre a floresta coberta de ipês, castanheiras e jacarandás. É uma paisagem inesquecível.